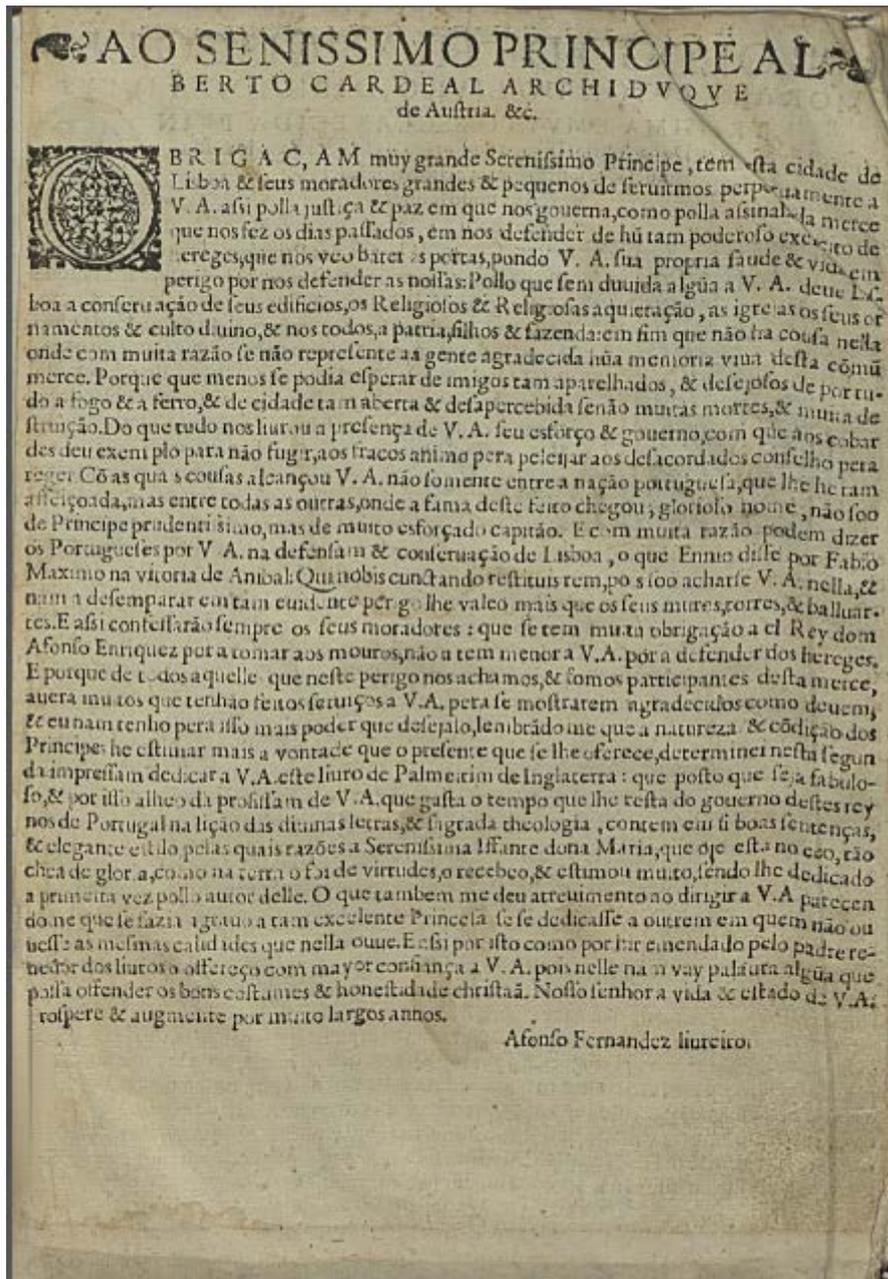




## Palmeirim de Inglaterra (Parte I) 1592- Dedicatória

Fac-símile

[{1v}]



Edição paleográfica

[{1v}] AO SENISSIMO (*sic*) PRINCIPE AL | BERTO CARDEAL ARCHIDVQVE | de  
Austria &c. | [*letra inicial enquadrada e decorada, ocupando 6 linhas*] [O]BRIGAÇAM muy grande



# UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:  
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

Sereníſſimo Príncipe, tem eſta cidade de | Lisboa & ſeus moradores grandes & pequenos de ſeruirnos perpetuamente a | V. A. aſſi polla juſtiça & paz em que nos gouerna, como polla aſſinalada merce | que nos fez os dias paſſados, em nos defender de hũ tam poderoſo exercito de | [h]ereges, que nos veo bater as portas, pondo V. A. ſua propria faude & vida em | perigo por nos defender as noſſas: Pollo que ſem duuida algũa a V. A. deue Lif- | boa a conferuação dos ſeus edificios, os Religioſos & Religioſas a quietação, as igrejas os ſeus ornamentos & culto diuino, & nos todos, a patria, filhos & fazenda: em fim que não ha coufa nella | onde com muita razão ſe não repreſente aa gente agradecida hũa memoria viua deſta cõmũ | merce. Porque que menos ſe podia eſperar de imigos tam aparelhados, & defejoſos de por tu- | do a fogo & a ferro, & de cidade tam aberta & deſapercebida ſenão muitas mortes, & muita de | ſtruição. Do que tudo nos liurou a preferença de V. A. ſeu eſforço & gouerno, com que aos cobar | des deu exemplo para não fugir, aos fracos animo pera peleijar aos deſacordados conſelho pera | reger. Cõ as qua[e]s coufas alcançou V. A. não ſomente entre a nação portugueſa, que lhe he tam | afeiçoada, mas entre todas as outras, onde a fama deſte feito chegou; glorioſo nome, não ſoo | de Príncipe prudentíſſimo, mas de muito eſforçado capitão. E com muita razão podem dizer | os Portugueſes por V. A. na deſenſam & conferuação de Lisboa, o que Ennio diſſe por Fabio | Maximo na vitoria de Anibal: Quinobis cunctando reſtituis rem, pois ſoo acharſe V. A. nella, & | nam a deſemparar em tam euidente perigo lhe valeo mais que os ſeus muros, torres, & balluar- | tes. E aſſi confeſſarão ſempre os ſeus moradores: que ſe tem muita obrigação a el Rey dom | Afonſo Enriquez pera tomar aos mouros, não a tem menor a V. A. por a defender dos hereges. | E porque de todos aquelle que neſte perigo nos achamos & fomos participantes deſta merce, | auera muitos que têmho feitos ſeruiços a V. A. pera ſe moltrarem agradecidos como deuem, | & eu nam tenho pera iſſo mais poder que deſejalo, lembrãdo me que a natureza & cõdição dos | Príncipes he eſtimar mais a vontade que o preſente que ſe lhe oferece, determinei neſta ſegun | da impreſſam dedicar a V. A. eſte liuro de Palmeirim de Inglaterra: que poſto que ſeja fabulo- | ſo, & por iſſo alheo da proſiſſam de V. A. que gaſta o tempo que lhe reſta do gouerno deſtes rey | nos de Portugal na lição das diuinas letras, & ſagrada theologia, contem em ſi boas ſentenças, | & elegante eſtilo pelas quais razões a Sereníſſima Iffante dona Maria, que oje eſta no ceo, tão | chea de gloria, como na terra o foi de virtudes, o recebeo, & eſtimou muito, ſendo lhe dedicado | a primeira vez pollo autor delle. O que tambem me deu atreuimento ao dirigir a V. A. parecen | dome que ſe fazia agrauo a tam excelente Princeſa ſe ſe dedicaffe a outrem em quem não ou | ueſſe as meſmas qualidades que nella ouue. E aſſi por iſto como por hir emendado pelo padre re- | uedor dos liuros o offereço com mayor confiança a V. A. pois nelle nam vay palaura algũa que paſſa offender os bons coſtumes & honeſtidade chriſtãã. Noſſo ſenhor a vida & eſtado de V. A. | [p]roſpere & augmente por muito largos annos. | Afonſo Fernandez liureiro

## Edição crítica

[{1v}] Ao ſe[re]níſſimo príncipe Alberto, Cardeal-Archiduque de Áustria, etc.

Obrigação, mui grande ſereníſſimo Príncipe, tem eſta cidade de Lisboa e ſeus moradores, grandes e pequenos, de ſeruirnos perpetuamente a Voſſa Alteza, aſſi pola juſtiça e paz em que nos gouerna, como pola aſſinalada mercê que nos fez os dias paſſados em nos defender de um tão poderoſo exército de hereges, que nos veo bater às portas, pondo Voſſa



# UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:  
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

Alteza sua própria saúde e vida em perigo por nos defender as nossas. Polo que, sem dúvida alguma, a Vossa Alteza deve Lisboa a conservação dos seus edifícios, os religiosos e religiosas a quietação, as igrejas os seus ornamentos e culto divino, e nós todos a Pátria, filhos e fazenda.

Enfim, que não há cousa nela onde, com muita razão, se não represente à gente agradecida ãa memória viva desta comum mercê, porque, que menos se podia esperar de inimigos tão aparelhados e desejosos de pôr tudo a fogo e a ferro, e de cidade tão aberta e desapercibida senão muitas mortes e muita destruição? Do que tudo nos livrou a presença de Vossa Alteza, seu esforço e governo, com que aos cobardes deu exemplo para não fugir, aos fracos ânimo pera peleijar, aos desacordados conselho pera reger; com as quaes cousas alcançou Vossa Alteza não somente entre a nação portuguesa, que lhe é tão afeiçoada, mas entre todas as outras, onde a fama deste feito chegou, glorioso nome, não só de Príncipe prudentíssimo, mas de muito esforçado capitão. E com muita razão podem dizer os portugueses por Vossa Alteza, na defesa e conservação de Lisboa, o que Ênio disse por Fábio Máximo na vitória de Aníbal: «Qui nobis cunctando restituis rem», pois só achar-se Vossa Alteza nela e não a desemparrar em tão evidente perigo lhe valeo mais que os seus muros, torres e baluartes. E assi confessarão sempre os seus moradores que, se têm muita obrigação a El-Rei dom Afonso Enríquez pera tomar aos mouros, não a têm menor a Vossa Alteza por a defender dos hereges. E porque de todos aqueles que neste perigo nos achámos e fomos participantes desta mercê, haverá muitos que tenham feitos serviços a Vossa Alteza pera se mostrarem agradecidos como devem, e eu não tenho pera isso mais poder que desejá-lo, lembrando-me que a natureza e condição dos Príncipes é estimar mais a vontade que o presente que se lhe oferece, determinei, nesta segunda impressão, dedicar a Vossa Alteza este livro de *Palmeirim de Inglaterra*, que, posto que seja fabuloso, e por isso alheo da profissão de Vossa Alteza, que gasta o tempo que lhe resta do governo destes reinos de Portugal na lição das divinas letras e sagrada teologia, contém em si boas sentenças e elegante estilo, pelas quais razões a Sereníssima Infante dona Maria, que hoje está no céu, tão chea de glória como na terra o foi de virtudes, o recebeu e estimou muito, sendo-lhe dedicado a primeira vez pelo autor dele, o que também me deu atrevimento ao dirigir a Vossa Alteza, parecendo-me que se fazia agravo a tão excelente Princesa se se dedicasse a outrem em quem não houvesse as mesmas calidades que nela houve.

E assi, por isto, como por ir emendado pelo padre revedor dos livros, o ofereço com maior confiança a Vossa Alteza, pois nele não vai palavra alguma que possa ofender os bons costumes e honestidade cristã. Nosso Senhor a vida e estado de Vossa Alteza prospere e aumente por muito largos anos.

Afonso Fernandez, livreiro

Modo de citação: Aurelio VARGAS DÍAZ-TOLEDO, “Paratextos do *Palmeirim de Inglaterra* I-II (1592): dedicatória”, em *O Universo de Almourol. Base de dados da matéria cavaleiresca portuguesa dos séculos XVI-XVIII* (<http://www.universodealmourol.com/>), 2017.